



Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

ISSN: 2178-2547

MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi

Camargos, Quesler Fagundes; Castrol, Ricardo Campos; Tescari, Aquiles
Partículas de Final de Sentença (PFS): uma análise
cartográfica por fases sobre o sistema da língua Tenetehára
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas,
vol. 14, núm. 3, 2019, Setembro-Dezembro, pp. 827-856
MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi

DOI: <https://doi.org/10.1590/1981.81222019000300008>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394069369008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Partículas de Final de Sentença (PFS): uma análise cartográfica por fases sobre o sistema da língua Tenetehára

Sentence-Final Particles (SFPs): a cartographic analysis by phases on the Tenetehára language system

Quesler Fagundes Camargos^I  | Ricardo Campos Castro^{II, III}  | Aquiles Tescari Neto^{II} 

^IUniversidade Federal de Rondônia. Ji-Paraná, Rondônia, Brasil

^{II}Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, Brasil

^{III}University of Georgia. Athens, Geórgia, EUA

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a distribuição das Partículas de Final de Sentença (PFS) em Tenetehára, as quais compõem um conjunto de itens funcionais que ocorrem em uma posição sintática rígida em posição sentencial final. A ordem das PFS nesta língua pode ser formalmente capturada se for considerada uma única estrutura de base, a partir da qual se deriva, por movimentos sintáticos, a ordem dessas categorias. Assim, a proposta é de que a linearização dessas partículas à direita é o resultado do movimento de uma partícula mais baixa, *i.e.*, o alçamento de uma projeção contendo uma dessas partículas para o especificador de uma projeção dominante. A análise aqui apresentada tem o mérito de integrar harmoniosamente duas propostas teóricas da Teoria de Princípios e Parâmetros: a Hierarquia de Cinque (1999) e a Abordagem de Derivação por Fases (Chomsky, 2001).

Palavras-chave: Tupi-Guaraní. Tenetehára. Partículas. Hierarquia de Cinque. Fases.

Abstract: The goal of this article is to analyze the distribution of sentence-final particles (SFPs) in Tenetehára. These particles comprise a set of functional items that occur in a rigid syntactic position at the end of the sentence. The order of SFPs in this language can be formally captured if one starts from a unique base structure from which their relative order can be derived. More specifically, we suggest that the linearization of the particles to the right is the result of raising the lowest particle, *i.e.* raising a projection with an agreement particle to the specifier of a dominating projection. This theory blends two hypotheses related to the Principles and Parameters Theory: Cinque's Hierarchy (1999), and the Derivation by Phase Approach (Chomsky, 2001).

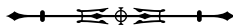
Keywords: Tupi-Guaraní. Tenetehára. Particles. Cinque Hierarchy. Phases.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos; TESCARI NETO, Aquiles. Partículas de Final de Sentença (PFS): uma análise cartográfica por fases sobre o sistema da língua Tenetehára. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 3, p. 827-855, set.-dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000300008>.

Autor para correspondência: Quesler Fagundes Camargos. Universidade Federal de Rondônia. Departamento de Educação Intercultural. Rua Rio Amazonas, 351. Ji-Paraná, RO, Brasil. CEP 769000-726 (queslerc@gmail.com).

Recebido em 28/02/2019

Aprovado em 27/06/2019



INTRODUÇÃO

Assim como ocorre com algumas línguas da família linguística Tupí-Guaraní¹, a língua Tenetehára² apresenta um conjunto de partículas que se realiza no final da sentença. Como será visto, esses itens codificam funções gramaticais de tempo, aspecto, modalidade³ e gênero do falante (*genderlect*). Este artigo tem por objetivo propor uma análise teórica para essas Partículas de Final de Sentença (PFS) em Tenetehára, as quais são formadas por um conjunto de itens que ocorrem em uma posição sintática rígida, sendo linearizadas em posição sentencial final.

Recorrendo a Cinque (1999, 2009, 2010, 2014, 2017), o ordenamento das PFS pode ser formalmente capturado se for considerada uma estrutura de base, a partir da qual, por meio de movimentos, derivam-se as ocorrências das PFS do Tenetehára. Trata-se de movimento *snowball*, no modo *whose-pictures* de *pied-piping*, ou seja, com inversão da ordem de *Merge* desses elementos. Vale ressaltar que essa estrutura de base, por hipótese, é válida para todas as línguas, sendo codificada na Gramática Universal (Cinque, 2005, 2009, 2013, 2017). Conforme será mostrado nas seções que tratam das restrições de ordenamento e da derivação das sentenças envolvendo estas partículas, a linearização das PFS nessa língua corresponde ao ordenamento de uma língua de núcleo final, em que tais categorias têm como *spell-out* uma ordem que é a imagem especular (Baker, 1985) desses elementos na hierarquia universal de projeções do *middle field*.

Será discutido, ainda neste artigo, que as PFS, em Tenetehára, apresentam uma boa contribuição empírica para o princípio do '*One feature, one head*' – 'Um traço, um núcleo' –, de Kayne (2005), segundo o qual os traços sintáticos são categorias atômicas, de forma que cada núcleo carrega apenas um traço. Essa proposta certamente se coloca em oposição à proposição de que os átomos da sintaxe se reduziriam a morfemas ou palavras, que correspondem, na Teoria Gerativa, a categorias sintagmáticas (para as sentenças, vP, TP e CP⁴; e para os nomes, NP e DP, por exemplo). Dessa forma, projeções como CP e DP são, na verdade, muito mais ricas. O fato de o Tenetehára apresentar um conjunto de partículas funcionais que coocorrem no domínio do *middle field* mostra que apenas dois núcleos, T e C, seriam insuficientes para codificar as propriedades gramaticais instanciadas pelas PFS. Desse modo, assume-se, neste artigo, a premissa de Kayne (2005), segundo a qual cada traço morfossintático corresponde a um núcleo sintático independente com um *slot* na hierarquia funcional. São razões como essa que fazem com que o princípio de Kayne (2005) se torne seminal para os estudos cartográficos (Cinque; Rizzi, 2010), uma vez que captura e compreende a ideia que tem impulsionado os estudos desse programa no âmbito da Teoria de Princípios e Parâmetros. No Quadro 1, são apresentadas as PFS presentes na língua Tenetehára, as quais, como será visto, correspondem a categorias funcionais que se ordenam da esquerda para a direita.

O artigo está organizado em cinco seções, incluindo-se esta introdução. Na próxima seção, primeiramente são exibidos os paradigmas de concordância verbal na língua Tenetehára, visando a fornecer ao leitor uma compreensão mais abrangente dos dados linguísticos que serão apresentados aqui. Após isso, é realizada uma descrição do sistema das PFS nessa língua, apresentando o inventário das categorias descritas no Quadro 1, que serão organizadas por classes (PFS₁₋₅).

¹ Ver Rodrigues (1953, 1984-1985), Boudin (1966), Rodrigues e Cabral (2002), Seki (2000), Monserrat (1994), Caldas (2001), Cruz (2011), Lopes (2009), Magalhães (2007), Pereira (2009), Praça (2007), Solano (2009), Silva (2010), Harrison, Carl e Harrison, Carole (2013), entre muitos outros.

² A língua Tenetehára, de acordo com Rodrigues (1984-1985) e Duarte (2007), pertence à família linguística Tupí-Guaraní, tronco Tupí. Os dados linguísticos aqui discutidos pertencem à variante linguística falada pelo povo Guajajára.

³ De acordo com Palmer (2001), a categoria de modalidade está intimamente associada a tempo e aspecto. Estas três categorias pertencem à oração verbal e geralmente são, mas nem sempre, marcadas dentro do complexo verbal.

⁴ Os rótulos que se referem a projeções sintáticas definidas dentro do arcabouço da Teoria Gerativa não serão apresentados por extenso.

Quadro 1. Partículas de Final de Sentença (PFS).

PFS ₁ Reflexo dos traços- <i>phi</i> de CP no domínio de TP	PFS ₂ Modalidade eventiva e epistêmica	PFS ₃ Mudança de evento ou introdução de uma asserção não esperada (ou contrária à expectativa)	PFS ₄ Manutenção de evento ou de estado descrito pelo verbo	PFS ₅ Gênero dos interlocutores (<i>genderlect</i>)
<i>ihe</i>	<i>nehe</i>	<i>kury</i>	<i>no</i>	<i>ty (wà)</i>
<i>zane</i>	<i>ri'i</i>			<i>zàkwà</i>
<i>ure</i>	<i>ra'a</i>			<i>pa / xe</i>
<i>ne</i>	<i>rihi</i>			<i>'y</i>
<i>pe</i>				<i>kyn (wà)</i>
<i>a'e (wà)</i>				<i>ma</i>

Naturalmente, ao se adotar para essas partículas uma interpretação à *la* Cartografia Sintática, levando-se em conta as categorias funcionais de Cinque (1999, 2006, 2009, 2017), isso nos levará, ao cabo do trabalho, a uma reinterpretação do Quadro 1. Conectado a isto, tendo em vista a Hierarquia de Cinque (1999) e o Princípio do Espelho (Baker, 1985), este artigo admite como verdadeiras, em Tenetehára, duas premissas relacionadas a esses dois fundamentos:

(i) Hierarquia de Cinque (1999): a subdivisão em PFS corresponde, na verdade, a uma descrição da superfície das sentenças do Tenetehára; assim, deve-se reconhecer que as PFS₂, por exemplo, correspondem, na verdade, a várias posições sintáticas do *middle field*;

(ii) Princípio do Espelho (Baker, 1985): as PFS do Tenetehára aparecem em posição final, sendo esse ordenamento puramente epifenomenal; dessa forma, à medida que se avança da esquerda para a direita no Quadro 1, a ordem da série de movimentos sintagmáticos que são necessários para derivar a ordem superficial alcançada é refletida na morfologia.

Após a apresentação dos dados, aplicamos os testes de ordenamento, visando a verificar as restrições de distribuição do agrupamento das PFS, seu escopo e seu comportamento conectado aos demais processos sintáticos da língua. Como será visto, com base no Programa Cartográfico, foram identificadas cinco classes de PFS em Tenetehára, tendo em vista suas posições relativas.

Na seção que precede as conclusões, os dados apresentados ao longo do artigo são analisados à luz da proposta do Programa Cartográfico, sobretudo tendo em vista as versões de Cinque (1999, 2006, 2009, 2010, 2013, 2017) combinadas com ingredientes de Kayne (1994, seção 5) e Koopman e Szabolcsi (2000), bem como com a proposta de Derivação por Fases (Chomsky, 2001). Por fim, na última seção, são apresentadas as considerações finais e as questões em aberto.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Antes de descrever as PFS, são apresentados, na subseção seguinte, os paradigmas de concordância verbal na língua Tenetehára, o que contribuirá para melhor compreensão dos dados a serem discutidos ao longo do artigo.

CONCORDÂNCIA EM TENETEHÁRA

Os sintagmas nominais, em Tenetehára, não recebem desinências de Caso para distinguir os DP na função sintática de sujeito e de objeto. De acordo com Duarte (2007), Castro (2017) e Camargos (2017a), essas funções sintáticas são primordialmente codificadas por meio de dois grupos de marcadores pessoais que codificam estas funções sintáticas centrais.

Devido à sensibilidade à hierarquia de pessoa, formalizada em (1), o verbo aciona a série de prefixos do primeiro paradigma de concordância para codificar o argumento externo nos contextos em que o sujeito é mais alto do que o objeto nessa hierarquia. Por sua vez, quando o objeto é mais alto na hierarquia de pessoa, o verbo engatilha os prefixos do segundo paradigma de concordância, que se referem ao seu argumento interno.

(1) 1ª pessoa > 2ª pessoa > 3ª pessoa_{+FOC} > 3ª pessoa_{-FOC} (leia-se > como 'mais proeminente que')

No Quadro 2, a seguir, são exibidos sinopticamente os prefixos do paradigma 1, que se referem ao argumento externo, e os prefixos do paradigma 2, cuja codificação refere-se ao argumento interno, de acordo com a hierarquia de pessoa proposta em (1).

Quadro 2. Primeiro e segundo paradigmas de concordância.

Traços de pessoa e número	Paradigma 1 (argumento externo)	Paradigma 2 (argumento interno)
1SG	<i>a-</i>	<i>he=</i>
1PL.EXCL	<i>uru- ~ oro-</i>	<i>ure=</i>
1PL.INCL	<i>xi-</i>	<i>zane=</i>
2SG	<i>ere-</i>	<i>ne=</i>
2PL	<i>pe-</i>	<i>pe=</i>
3	<i>u- ~ o- ~ w-</i>	<i>i- ~ h-</i>

Nos exemplos a seguir, pode-se notar que o argumento externo é mais alto do que o interno na hierarquia de pessoa – cf. (1). Por conseguinte, são acionados os prefixos do paradigma 1, correspondendo aos prefixos de concordância verbal com o argumento externo.

(2a) *a-exak zàwàruhu taw ø-pe ihe*
1SG-ver onça aldeia RLT-em 1SG
'Eu vi a onça na aldeia.'

(2b) *uru-exak zàwàruhu taw ø-pe ure*
1PL.EXCL-ver onça aldeia RLT-em 1PL.EXCL
'Nós vimos a onça na aldeia.'

(2c) *xi-exak zàwàruhu taw ø-pe zane*
1PL.INCL-ver onça aldeia RLT-em 1PL.INCL
'Nós vimos a onça na aldeia.'

(2d) *ere-(e)xak zàwàruhu taw ø-pe ne*
2SG-ver onça aldeia RLT-em 2SG
'Você viu a onça na aldeia.'

- (2e) *pe-(e)xak zàwàruhu taw ø-pe pe*
 2PL-ver onça aldeia RLT-em 2PL
 'Vocês viram a onça na aldeia.'

- (2f) *w-exak zàwàruhu taw ø-pe a'e*
 3-ver onça aldeia RLT-em 3
 'Ele viu a onça na aldeia.'

- (2g) *w-exak zàwàruhu taw ø-pe a'e wà*
 3-ver onça aldeia RLT-em 3 PL
 'Eles viram a onça na aldeia.'

Nos exemplos a seguir, por sua vez, pode-se observar que o argumento interno é mais alto do que o externo na hierarquia de pessoa, apresentada em (1). Como consequência desse ranqueamento, é o argumento interno que passa a controlar a concordância no verbo, como fica evidenciado pela série de concordância do paradigma 2. Nesses exemplos, nota-se, ainda, que emerge à esquerda da raiz verbal o prefixo relacional⁵ *{r-}*.

- (3a) *he=r-exak zàwàruhu taw ø-pe a'e*
 1SG=RLT-ver onça aldeia RLT-em 3
 'A onça me viu na aldeia.'

- (3b) *ure=r-exak zàwàruhu taw ø-pe a'e*
 1PL.EXCL=RLT-ver onça aldeia RLT-em 3
 'A onça nos viu na aldeia.'

- (3c) *zane=r-exak zàwàruhu taw ø-pe a'e*
 1PL.INCL=RLT-ver onça aldeia RLT-em 3
 'A onça nos viu na aldeia.'

- (3d) *ne=r-exak zàwàruhu taw ø-pe a'e*
 2SG=RLT-ver onça aldeia RLT-em 3
 'A onça te viu na aldeia.'

⁵ Como não é o objetivo deste artigo, não será discutido o estatuto gramatical deste morfema em Tenetehára. Ressalta-se, no entanto, que os prefixos relacionais são amplamente discutidos na literatura Tupí-Guaraní e já foram propostas várias análises para eles. Para Payne (1994), por exemplo, o prefixo verbal *{r-}*, incluindo seus alomorfes, constitui, junto com os prefixos de pessoa e número, um sistema inverso. Em uma perspectiva gerativa, Duarte (2009, p. 125) afirma que "[...] a ocorrência do prefixo *{r-}* deve ser, então, entendida como sendo o reflexo da operação de valorização de Caso absolutivo que ocorre no domínio vP [...]". Além disso, Freitas e Sândalo (2014), em relação ao Guaraní, baseadas nos feixes de traços binários de pessoa ([participante] e [autor]) de Halle (1997), assumem que estes prefixos são a expressão de concordância com o argumento interno (objeto direto). Nesse sentido, nos contextos em que o objeto é [+participante], sendo, por isso, primeira ou segunda pessoa, os prefixos *{ø- ~ r-}* são engatilhados; contudo, se o argumento interno apresenta o traço [-participante], ou seja, terceira pessoa, os prefixos *{i- ~ h-}* emergem.

- (3e) *pe=r-exak zàwàruhu taw ø-pe a'e*
 2_{PL}=RLT-ver onça aldeia RLT-em 3
 'A onça vos viu na aldeia.'

Após a apresentação do sistema de concordância⁶ em Tenetehára, na próxima subseção, é descrita, uma a uma, cada PFS mencionada no Quadro 1.

PARTÍCULAS DE FINAL DE SENTENÇA (PFS)

PFS₁

Em Tenetehára, embora não sejam obrigatórias⁷, é muito comum ocorrerem, na posição sentencial final, partículas⁸ cuja função é retomar os traços- ϕ do sujeito dos predicados verbais, concordando com ele em pessoa e número. É necessário ressaltar que, nessas posições, tais partículas não ocupam posições argumentais. Além disso, não refletem necessariamente os traços de pessoa e número codificados no verbo. Esse fenômeno é ilustrado com os seguintes exemplos:

- (4a) *ere-(e)xak kwaharer ka'a r-upi ne*
 2_{SG}-ver menino mata RLT-em 2_{SG}
 'Você viu o menino na mata.'

- (4b) **ere-(e)xak kwaharer ka'a r-upi a'e*
 2_{SG}-ver menino mata RLT-em 3
 'Você viu o menino na mata.'

- (5a) *ne=r-exak kwaharer ka'a r-upi a'e*
 2_{SG}=RLT-ver menino mata RLT-em 3
 'O menino viu você na mata.'

- (5b) **ne=r-exak kwaharer ka'a r-upi ne*
 2_{SG}=RLT-ver menino mata RLT-em 2_{SG}
 'O menino viu você na mata.'

Pode-se notar, à semelhança dos exemplos em (2), como foi visto na subseção que apresenta a morfologia de concordância em Tenetehára, que o predicado verbal *exak* 'ver', em (4a), seleciona dois argumentos nucleares: um

⁶ Para uma análise mais detalhada do sistema de concordância verbal em Tenetehára, ver a proposta de Camargos (2017b), na qual o autor assume que o fenômeno de deslocamento de concordância verbal em Tenetehára, sensível à hierarquia de pessoa, origina-se dos mecanismos da operação *Agree* (Béjar; Rezac, 2009), de modo que a ciclicidade e a localidade derivam preferencialmente por uma concordância controlada pelo argumento interno, ao invés de ser regulado pelo argumento externo.

⁷ De fato, essas partículas não são obrigatórias. Contudo, alguns falantes relatam que a ausência delas geralmente soa como 'está faltando algo' ou 'a palavra está incompleta'.

⁸ Apesar de parte da literatura classificar estas partículas como pronomes, elas exercem uma função gramatical não argumental. Em termos formais, elas instanciam os traços- ϕ de CP no domínio de TP. Por essa razão e por serem incapazes de ocorrer como formas plenas, propomos que pertençam à classe gramatical de partículas.

DP sujeito de segunda pessoa do singular, que engatilha no verbo o morfema **{ere-}**, e um DP objeto *kwaharer* 'menino'. Veja-se que, em termos descritivos, a partícula de segunda pessoa do singular *ne* se realiza no final da sentença e instancia os traços de pessoa e número do sujeito argumento externo. Destarte, constata-se que a agramaticalidade da sentença (4b) é explicada nos seguintes termos: a partícula de terceira pessoa *a'e*, cuja ocorrência se dá ao final da sentença não é compatível, em termos de traços de pessoa e número, com o sujeito de segunda pessoa da sentença.

Nos exemplos em (5), por sua vez, realiza-se o prefixo do segundo paradigma de concordância para codificar o argumento interno, consoante a hierarquia de pessoa apresentada em (1). Pode-se observar que, em (5a), o predicado verbal *exak* 'ver' introduz um DP sujeito *kwaharer* 'menino' e um DP objeto de segunda pessoa do singular, que engatilha o segundo paradigma de concordância, representado por **{ne-}**, uma vez que este objeto é mais alto na hierarquia de pessoa (2 > 3). Adicionalmente, a partícula de terceira pessoa *a'e* realiza ao fim da sentença os traços de pessoa e número do DP sujeito argumento externo, o qual necessariamente não controla a concordância no verbo. Assim, a boa formação da sentença (5a) e a agramaticalidade da sentença (5b) fornecem evidências morfossintáticas a favor da conjectura de que a partícula que ocorre ao final da sentença só pode ser controlada pelo argumento externo do predicado verbal transitivo, independentemente da concordância estabelecida no verbo. Mais especificamente, o fato de a codificação do argumento nuclear ser estabelecida pelos prefixos do paradigma 1 ou paradigma 2 não determina qual PFS_i ocorrerá, mas é o argumento externo da predicação transitiva que o estabelece. No Quadro 3, são apresentadas as PFS_i em Tenetehára.

Quadro 3. Partículas de Final de Sentença (PFS_i).

Traço de pessoa e número	Partículas
1SG	<i>ihe</i>
1PL.EXCL	<i>ure</i>
1PL.INCL	<i>zane</i>
2SG	<i>ne</i>
2PL	<i>pe</i>
3(PL)	<i>a'e (wà)</i>

PFS₂

Segundo Costa (2009), os modos verbais, tais como indicativo, subjuntivo e imperativo, são recursos gramaticais disponíveis cuja finalidade é expressar modalidade. Nessa linha de investigação, para Givón (2001, p. 300, tradução nossa), a modalidade⁹ é uma categoria linguística mais ampla que "[...] codifica a atitude do falante em relação à proposição". Assim, enquanto o modo é expresso tipicamente na morfologia verbal (nos morfemas livres e presos, por exemplo) (Cinque, 1999, cap. 3 e 4), a modalidade é expressa por meio de diferentes mecanismos linguísticos (Costa, 2009), por exemplo, verbos de 'reestruturação' e AdvPs nas línguas românicas.

De acordo com Haan (1999), a modalidade epistêmica avalia provas. Com base nesta avaliação, atribui uma medida de (des)comprometimento do falante. Nesse sentido, o enunciado pode ser avaliado e mensurado de forma a ter evidência alta, diminuída ou baixa. Assim, a modalidade epistêmica será usada para expressar o grau de convicção do

⁹ Para Givón (2001), são essencialmente dois os tipos de julgamento a respeito das informações proposicionais realizados pelo falante, a saber: (i) julgamento epistêmico - verdade, probabilidade, certeza, crença e evidência; e (ii) julgamento avaliatório (deôntico) - desejo, preferência, intenção, habilidade e obrigação.

falante referente à veracidade do conteúdo proposicional explicitado por ele mesmo (Cinque, 1999). Já um evidencial assegura que existem indícios do fato ocorrido, mas nele o falante não avalia nem interpreta tais evidências de qualquer maneira, apenas indica a fonte de informação¹⁰. Por fim, para Palmer (2001), a modalidade dinâmica/deôntica se refere a eventos que não estão atualizados, *i.e.*, eventos que não têm um lugar no mundo, mas são apenas potenciais, sendo chamada de modalidade de eventos. Ainda mais especificamente, na modalidade dinâmica, os fatores condicionantes são externos ao sujeito da predicação, já na modalidade deôntica os fatores são internos a esse sujeito. Na língua Tenetehára, ocorrem as seguintes partículas finais que realizam essas funções:

(i) *ri'i*: modalidade epistêmica de certeza¹¹

De acordo com Boudin (1966) e Harrison, Carl e Harrison, Carole (2013), a partícula *ri'i*, na língua Tenetehára, marca o tempo passado recente. Para Silva (2010), contudo, essa partícula veicula asseveração. Para nós, *ri'i* indica que o falante, ao proferir a asserção, assegura sua certeza. A partícula expressa, então, a modalidade epistêmica de certeza, conforme os exemplos abaixo.

- (6) *ne=ø-wioràw ø-pupe rakwez a-zur ihe ri'i ty*
 2SG=RLT-violão RLT-dentro RPST.AT 1SG-vir 1SG CERT GNDL
 'Eu com certeza vim no seu violão.' (Duarte et al., 2018, p. 40)

- (7) *u-zewyr rakwez he=r-ywyr a'e ri'i*
 3-voltar RPST.AT 1SG=RLT-irmão.novo 3 CERT
 'Meu irmão mais novo com certeza voltou.' (Duarte et al., 2018, p. 25)

- (8) *a-ha rakwez ka'a r-upi ihe ri'i*
 1SG-ir RPST.AT mata RLT-para 1SG CERT
 'Eu fui para a mata com certeza.'

- (9) *a-ha-putar ka'a r-upi ihe ri'i*
 1SG-ir-PROX mata RLT-para 1SG CERT
 'Eu vou para a mata com certeza.' (futuro imediato e certo)

- (10) *a-zegar-(pu)ta(r) ri'i*
 1SG-cantar-FUT CERT
 'Vou cantar.' (Silva, 2010, p. 509)

¹⁰ De acordo com Hengeveld e Dall'Aglio-Hattner (2015), a evidencialidade se subdivide, tendo em vista o escopo dos itens evidenciais, em quatro subcategorias, a saber: evidencialidade reportativa, inferência, dedução e percepção de evento.

¹¹ Pode ser que essa categoria esteja se gramaticalizando, deslocando-se, então, da projeção de T_{past} para a projeção de modalidade epistêmica mais alta, no espírito de Cinque (1999). Ver, a esse respeito, a proposta de Roberts e Roussou (2008), que recorrem a Cinque (1999) para avançarem uma proposta formal de gramaticalização.

Para todos os exemplos acima, a partícula *ri'i* exprime a atitude do falante ante os enunciados, atribuindo-lhes um valor epistêmico de certeza. Nos exemplos de (6) a (8), essa partícula se realiza em sentenças no tempo passado e, nos exemplos (9) e (10), ocorre no tempo futuro. Neste sentido, pode-se notar que esses últimos dois exemplos contrariam a descrição de Boudin (1966) e de Harrison, Carl e Harrison, Carole (2013), uma vez que esses autores associam esta partícula apenas ao tempo passado.

(ii) *ra'a*: modalidade epistêmica de dúvida

De acordo com Harrison, Carl e Harrison, Carole (2013), a partícula *ra'a* tem a função de marcar passado imediato em contexto de pergunta. Contudo, análises mais detalhadas indicam que a partícula *ra'a* é responsável por atribuir a modalidade epistêmica de dúvida à sentença, independentemente de seu eixo temporal. Dessa forma, a partícula opõe-se à *ri'i*, que denota modalidade epistêmica de certeza. Vejam-se os exemplos abaixo.

- (11) *u-mai-'u kwaharer a'e ra'a*
 3-coisa-comer criança 3 DBT
 'Será que ele já comeu?'

- (12) *o-ho-putar Hikar Amarante ø-pe a'e ra'a*
 3-ir-PROX Hikar Amarante RLT-para 3 DBT
 'Não se sabe se o Hikar vai para Amarante.'

- (13) *w-exak z(e)-aipo amo i-zuru-pyter mehe a'e ra'a*
 3-ver NAT-DBT outro 3-boca-chupar quando 3 DBT
 'Não se sabe se ele viu alguém (outro) quando beijava.'

Pode-se perceber, nos exemplos acima, que a partícula *ra'a* confere um valor epistêmico de incerteza às sentenças, à medida que o falante manifesta dúvida em sua elocução. Isso fica particularmente evidente no exemplo (11), uma vez que a dúvida do falante condiz com o tipo de sentença interrogativa do tipo sim/não. No entanto, essa partícula não é exclusiva de sentenças interrogativas, tendo em vista que as sentenças (12) e (13) são construções declarativas. Note-se, ainda, que a análise de Harrison, Carl e Harrison, Carole (2013) também não encontra respaldo no exemplo (12), em virtude de a partícula *ra'a* não ter conexão com a noção de tempo passado nesta sentença; logo, não pode ser restringido a este tempo. Veja-se que a partícula de modalidade epistêmica de dúvida ocorre em sentenças tanto no tempo futuro, como em (12), quanto no tempo passado, como em (11) e (13). Uma evidência empírica de que esta partícula, de fato, tem por função marcar a modalidade epistêmica de dúvida que reside no exemplo agramatical abaixo.

- (14) **w-exak rakwez amo i-zuru-pyter mehe a'e ra'a*
 3-ver RPST.AT outro 3-boca-chupar quando 3 DBT
 'Ele viu alguém quando beijava.' (passado recente atestado com dúvida)

Deve-se notar que a boa formação de (13), em contrapartida com a agramaticalidade da sentença (14), refere-se ao fato de que a partícula **z(e)-aipo** (partícula evidencial que indica uma situação não atestada pelo falante¹², mais a partícula de modalidade epistêmica de dúvida) possui em sua estrutura interna elementos que exprimem incerteza, e, por isso, compatível com a PFS₂ **ra'a**, a qual, defende-se aqui, é uma partícula de modalidade epistêmica de dúvida. Nesse sentido, a sentença (14) é agramatical, porque a partícula **rakwez**, que marca o tempo passado atestado pelo falante, é incompatível com a partícula **ra'a**, de modalidade epistêmica de dúvida. Pode-se afirmar, então, que é inconcebível que uma partícula de modalidade de dúvida do falante (**ra'a**) e uma partícula de evidencialidade atestada pelo falante (**rakwez**) coocorram.

(iii) **nehe**: modalidade eventiva de intencionalidade

Para Boudin (1966) e Harrison, Carl e Harrison, Carole (2013), a partícula **nehe** marca o futuro próximo. Silva (2010) apresenta uma análise mais refinada, pois, além de afirmar que essa partícula marca futuro, esclarece que também tem a função de marcar a modalidade intencional. De fato, essa última função pode ser corroborada pelos seguintes exemplos:

(15a) **a-exak-putar amo he=r-emiriko-ràm i-katu-ahy-ma'e ihe nehe**
1SG-ver-PROX uma 1SG=RLT-esposa-FUT 3-bom-INTS-NOML 1SG INT
'Eu encontrarei uma boa esposa.'

(15b) **a-exak amo he=r-emiriko-ràm i-katu-ahy-ma'e ihe nehe**
1SG-ver uma 1SG=RLT-esposa-FUT 3-bom-INTS-NOML 1SG INT
'Eu tenho a intenção de encontrar uma boa esposa.'

Nos exemplos em (15), a partícula **nehe** sinaliza que o falante, sujeito da sentença, tem a intenção de realizar o conteúdo proposicional do enunciado, conformando-se ao conceito de modalidade de eventos, conforme descrito no início desta seção. Além disso, a comparação entre os dois exemplos ora apresentados sinaliza que a coocorrência do morfema de futuro **{-putar}** com a PFS₂ **nehe** é compatível, em razão de o traço semântico [+futuro] ser compartilhado pelos dois morfemas. No entanto, curiosamente, o exemplo (15b) aponta para o fato de que tal coocorrência não é obrigatória. A seguir, são apresentados mais exemplos com a partícula **nehe**.

(16) **aze pe-putar uru-zuka pe=ø-me nehe**
se 2PL-desejar 1PL.EXCL-quebrar 2PL=RLT-para INT
'Se desejam, nós podemos quebrá-lo (o pote) para vocês.' (Duarte et al., 2018, p. 34)

(17) **e-mu-aku 'y nehe**
2IMP-CAUS-quente água INT
'Esquente a água!'

¹² Esta mesma partícula **{ze-}** é analisada por Thomas (2018) na língua Mbyá (Tupí-Guaraní). Para o autor, a unidade gramatical **{je}** em Mbyá é um evidencial reportativo. Nesse sentido, trata-se de uma partícula de evidência comunicativa. Seu uso indica que os indícios que apoiam o enunciado do falante são boatos. Na ausência de evidências acerca destes boatos, ou se o falante tiver evidências diretas para apoiar seu enunciado, o uso de **{je}** é desautorizado.

- (18) *e-mu-awyze zo 'aw awa nehe i-i*
 2IMP-CAUS-reconciliar.se NEG aquele homem INT 3-dizer
 'Não aceite aquele homem, insisti!' (Harrison, Carl; Harrison, Carole, 2013, p. 163)

Para os exemplos anteriores, a partícula *nehe* exprime a atitude do falante diante dos enunciados, atribuindo-lhes um valor eventivo de intenção. Nos exemplos (15), essa partícula realiza-se em sentenças no tempo futuro. No exemplo (16), ocorre em estruturas condicionais. E, nos exemplos (17) e (18), essa partícula coocorre com predicados verbais no modo imperativo. Deve-se ressaltar, no entanto, que em todos os exemplos as sentenças dizem respeito a eventos ainda não realizados, sendo-lhes atribuído um valor eventivo de intenção, constituindo-se, por isso, como eventos potenciais.

(iv) *rihi*: modalidade eventiva de possibilidade, permissão, exortação e pedido

De acordo com Boudin (1966), a partícula *rihi* tem função de marcar possibilidade, permissão e exortação. Harrison, Carl e Harrison, Carole (2013) afirmam que essa partícula exhibe os seguintes significados e funções: (i) ainda e agora, (ii) exortativo e (iii) futuro. Silva (2010), por fim, afirma que essa partícula marca aspecto imperfectivo, o que é oposto à função da partícula *kwez*, que codifica o aspecto perfectivo/realizado. Nota-se, sendo assim, certa diversidade de tratamento desta partícula entre esses três autores. Neste artigo, aventamos a hipótese de que a partícula *rihi* tenha a função de marcar a modalidade eventiva de possibilidade e permissão, para as sentenças afirmativas, como de (19) a (21), e modalidade eventiva de exortação, pedido ou ordem, para as sentenças imperativas, como em (22) e (23).

- (19) *aipo ere-iko tuwe ko r-upi rihi ty*
 DBT 2SG-estar ENF aqui RLT-em PSB GNDL
 'Como é possível que você esteja por aqui?' (Duarte et al., 2018, p. 34)

- (20) *a-ha-putar ka'a r-upi ihe rihi*
 1SG-ir-PROX mata RLT-para 1SG PSB
 'É possível que eu vá para a mata.'

- (21) *aipo ere-ho-putar ka'a r-upi ne rihi ty*
 DBT 2SG-ir-PROX mata RLT-para 2SG PSB GNDL
 'Será que há a possibilidade de você ir para a mata?'

- (22) *e-zur xe rihi*
 2IMP-uir aqui PSB
 'Vem aqui, por favor!'

- (23) *za-ha-wi ka'a ø-pe rihi*
 1PL.INCL-ir-REP mata RLT-em PSB
 'Vamos à mata novamente!'

Conforme Taylor (1989), o modo imperativo é decomposto em graus de imperatividade, a saber: imperativo propriamente dito, proibitivo, optativo, exortativo, premonitivo, súplica e conselho. A hipótese aqui defendida é de que a partícula *rihi*, quando expressa imperatividade, localiza-se no grau exortativo. Neste nível de imperatividade, existe uma forma de encorajamento de modo que o ouvinte seja incentivado, estimulado ou incitado a realizar uma ação¹³, tal como em (22) e (23). De toda forma, concordamos com Thomas (2018), segundo o qual, a partir de dados da língua Mbyá (Tupí-Guaraní), não há consenso na literatura acerca da denotação de sentenças imperativas e como isto se relaciona com o desempenho de atos diretivos de fala. Para ele, o que importa é que todos os autores concordam que os imperativos são um tipo de cláusula identificável por um traço morfossintático, que é, de forma canônica, usado para operar atos diretivos de fala, os quais, por sua vez, são os atos a partir dos quais o locutor tem como objetivo levar o alocutário a realizar alguma ação. Enfim, após a apresentação das PFS₂, essas partículas e suas funções são resumidas no Quadro 4.

Quadro 4. Partículas de Final de Sentença (PFS₂).

Partícula	Modalidade	Descrição
<i>ri'i</i>	Epistêmica	Certeza
<i>ra'a</i>	Epistêmica	Dúvida
<i>nehe</i>	Eventiva	Intenção
<i>rihi</i>	Eventiva	Possibilidade, permissão, exortação e pedido

PFS₃

A terceira posição (PFS₃) instancia uma partícula que expressa mudança de estado ou de evento indicada pela predicação verbal. Além disso, ela pode introduzir uma asserção não esperada ou contrária à expectativa do falante. No mais, tudo indica que o aspecto proximativo está associado a essa partícula, razão pela qual esse item é comumente traduzido pelos falantes por meio do advérbio 'agora'.

- (24) *a-zegar kakwez n-a-zegar-wi-kwaw kury*
1SG-cantar DPST.AT NEG-1SG-cantar-REP-NEG CHNG
'Eu cantava, agora não canto mais.' (Silva, 2010, p. 504)

- (25) *a-pynyk kakwez n-a-pynyk-wi-kwaw kury*
1SG-dançar DPST.AT NEG-1SG-dançar-REP-NEG CHNG
'Eu dançava, agora não danço mais.' (Silva, 2010, p. 504)

Pode-se constatar que, em (24) e (25), a partícula *kury* ocorre na segunda oração de cada sentença, introduzindo uma proposição que indica uma mudança no evento da oração anterior. Veja outros exemplos a seguir:

- (26) *upaw wa-'u-n wà kury*
todos 3PL-comer-DSLC PL CHNG
'De repente, todos foram comidos.' (Duarte et al., 2018, p. 30-31)

¹³ Para os outros níveis de imperatividade, veja o trabalho de Taylor (1989).

- (27) *màràn t-eko-haw ø-pe re-ata ne kury*
 quantos 3G-estar-NOML RLT-em 2SG-andar 2SG CHNG
 'Em quantas aldeias você já esteve?'
- (28) *w-exak ze-k-aipo tapi'ir ka'a r-upi i-ata mehe a'e wà kury*
 3-ver NAT-PST-DBT anta mata RLT-por 3-andar quando 3 PL CHNG
 'De repente, eles viram a anta quando ela andava pela mata.'

Nas sentenças acima, a realização da partícula *kury* indica que os predicados verbais introduzem uma proposição nova, de forma que a presença dessa partícula acarreta que o evento descrito pelo verbo se realizou sobre o sujeito exatamente naquele momento e não em um outro momento anterior.

PFS₄

Para Boudin (1966), a partícula *no* deve ser traduzida como 'também' e, para Harrison, Carl e Harrison, Carole (2013), deve ser interpretada como 'também' e 'novamente'. Para Silva (2010), por sua vez, essa partícula codifica aspecto repetitivo. Na análise aqui delineada, essa posição sintática é preenchida por um elemento único, *no*, cuja função é indicar a manutenção da assertiva e o estado descrito pela predicação verbal. Geralmente ela assinala uma repetição de uma ação (ou evento) com outros sujeitos, podendo também estabelecer uma sequência de eventos realizados pelo mesmo sujeito. Via de regra, esta partícula é traduzida pelos falantes por meio do advérbio 'também' e realiza-se no final de cada sentença ou apenas no final da última oração. Veja o exemplo (29) que representa um diálogo, retirado de uma narrativa, entre a onça e outros animais.

- (29a) *zane-karuk ty i-'i ze-k-aipo i-zupe wà*
 1PL.INCL-tarde GNDL 3-dizer NAT-PST-DBT 3-para PL
 'Boa tarde, (os convidados) disseram para ela (a onça).'
- (29b) *zane-karuk aipo i-'i ze-k-aipo zàwàruhu wa-nupe a'e nò*
 1PL.INCL-tarde DBT 3-dizer NAT-PST-DBT onça PL-para 3 MNT
 'Boa tarde, a onça disse também para eles.'

Pode-se afirmar que o motivo de a partícula *no* ocorrer em (29b) tem a ver com o fato de que esta predicação repete o evento da oração (29a), alterando apenas seu sujeito. Assim, nesses exemplos, conserva-se o evento e modifica-se o seu sujeito. Veja-se a seguir outros exemplos retirados da mesma narrativa, em que o evento é mantido:

- (30a) *i-ma'eahy ze-k-aipo a'e r-upi w-ixe o-ho ywykwar ø-pupe*
 3-doente NAT-PST-DBT lá RLT-em 3-entrar 3-ir buraco RLT-dentro
 '(A onça) adoeceu e por isso entrou num buraco.'
- (30b) *na'e w-ixe o-ho wywykwar ø-pupe a'e wà nò*
 então 3-entrar 3-ir buraco RLT-dentro 3 PL MNT
 'Então (as primeiras caças) entraram no buraco também.'

- (30c) *w-ixe miar o-ho a'e wà nq*
3-entrar caça 3-ir 3 PL MNT
'As caças (as últimas) entraram (no buraco) também.'

Pode-se perceber que os exemplos em (30) ilustram um contexto no qual o mesmo evento, *oho ywykwar pupe* 'entrar no buraco', foi realizado por diferentes personagens da narrativa. Por haver essa repetição, a segunda e a terceira ocorrências do evento repetido recebem a partícula *no*. Por fim, nos exemplos (31), diferentemente dos anteriores, além da manutenção do evento, conservam-se ainda os sujeitos da predicação:

- (31a) *u-zuka awa zàwàruhu u-zuka tapi'ir nq*
3-matar homem onça 3-matar anta MNT
'O homem matou a onça. Matou a anta também.'

- (31b) *o-mono u-kamir i-zupe u-ku'a-pixi-haw nq*
3-dar 3-camisa 3-para 3-cinto-amarrar-NOML MNT
'Ele lhe deu sua camisa e seu cinto também.' (Harrison, Carl; Harrison, Carole, 2013, p. 94)

PFS₅

Por fim, são apresentadas a seguir as partículas de gênero, que se encaixam na definição de *genderlects*, termo inicialmente proposto por Tannen (1990) e utilizado *a posteriori* por Rose (2013, 2015), referindo-se a línguas indígenas da América do Sul. A chamada *Genderlect Theory* tem o intuito de evidenciar que tanto homens quanto mulheres de uma dada comunidade, apesar de falarem a mesma língua, falam, contudo, diferentes dialetos. De acordo com Tannen (1990), cada gênero tem um conjunto de vocabulário e temas preferidos (muitas vezes inconscientes), que resultarão em diferenças em vários domínios, tais como na fonologia, no léxico e na morfologia. Nesse sentido, em Tenehehára, ocorrem partículas cuja função gramatical é marcar o gênero dos interlocutores, do falante e do ouvinte. Elas podem ser divididas em duas séries: uma com formas usadas por falantes do sexo masculino e outra com formas usadas por pessoas do sexo feminino, conforme o Quadro 5.

Quadro 5. Partículas de gênero (*genderlects*).

Ouvinte	Falante	
	Masculino	Feminino
Masculino	<i>ty (wà)</i>	<i>'y</i>
Feminino	<i>zàkwà</i>	<i>kyn (wà)</i>
Não marcado	<i>pa / xe</i>	<i>ma</i>

De acordo com Seki (2000), em relação ao Kamaiurá (família Tupí-Guaraní), algumas dessas partículas exibem caráter exclamativo e regularmente indicam emoção. De fato, de acordo com os falantes do Tenetehára, algumas dessas partículas têm forte peso emocional. A partícula *zàkwà*, por exemplo, embora tenha a função de marcar uma fala masculina com uma ouvinte mulher, é mais comumente utilizada por homens ao conversarem com suas esposas ou mães. Os exemplos (32) a (35) apresentam usos dessas partículas de gênero.

Diálogo entre um homem e uma mulher

(32) *ne=ø-katu zàkwà*

2SG=RLT-bom GNDL

'Você está bem?'

(33) *he'e ma ne=ø-katu ne no*

sim GNDL 2SG=RLT-bom 2SG MINT

'Sim! Você também está bem?'

Fala de uma mulher para outra mulher

(34) *aipo ne=r-aku kyn*

DBT 2SG=RLT-quente GNDL

'Será que você tem febre?'

(35) *a-kwaw ne=ø-kàg-aw ihe kyn*

1SG-saber 1SG=RLT-forte-NOML 1SG GNDL

'Eu sei que você é forte.'

Além do mais, note, nos exemplos (36) e (37), que, quando uma partícula de *genderlect* é utilizada em uma construção encabeçada pela conjunção *ta'e* 'porque', emerge a partícula *xe* para marcar o turno de falante do gênero masculino e a partícula *kyn* nos contextos em que a falante é mulher.

(36) *e-ze'eg zo ta'e kwarer u-zeapyaka wa-iko wà xe*

2IMP-falar NEG porque menino 3-escutar 3PL-estar PL GNDL

'Não fale agora, porque os meninos estão escutando.' (homem falando)

(37) *e-ze'eg zo ta'e kwarer u-zeapyaka wa-iko wà kyn*

2IMP-falar NEG porque menino 3-escutar 3PL-estar PL GNDL

'Não fale agora, porque os meninos estão escutando.' (mulher falando com outra mulher)

Na próxima seção, serão examinados os contextos de coocorrência das PFS e serão investigadas suas restrições de ordenamento.

RESTRIÇÕES DE ORDENAMENTO

Nos exemplos (38) a (41), foram utilizados testes cujo intuito é analisar a coocorrência de pelo menos duas partículas, a fim de verificar as restrições de ordenamento do agrupamento das PFS e seu escopo. Com fundamento no Programa Cartográfico, foram identificadas, em Tenetehára, cinco classes de PFS, tendo em vista suas posições relativas. Além disso, cada uma delas tem uma posição distinta de soldagem (*Merge*), conforme o princípio 'Um traço, um núcleo', de Kayne (2005), segundo o qual, a cada traço morfo sintático, há correspondente um núcleo sintático independente com um *s/ot* específico na hierarquia funcional. Observe os dados e as análises subsequentes:

(38) PFS₁ *a'e* > PFS₂ *ra'a* (leia-se > como 'precede superficialmente')

(38a) ✓ *u-zuka* *awa* *tapi'ir* *a'e* *ra'a*
 3-matar homem onça 3 DBT
 'Será que o homem matou a onça?'

(38b) * *u-zuka* *awa* *tapi'ir* *ra'a* *a'e*
 3-matar homem onça DBT 3

A gramaticalidade de (38a) em contrapartida com a agramaticalidade de (38b) aponta para o fato de que *a'e* precede *ra'a*. Assim, PFS₁ > PFS₂. O mesmo expediente metodológico será utilizado a seguir para testar a posição de PFS₂ sobre PFS₃, e assim por diante.

(39) PFS₂ *nehe* > PFS₃ *kury*

(39a) ✓ *a-zàn-putar* *nehe* *kury*
 1SG-correr-PROX INT CHNG
 'Eu vou correr agora.'

(39b) * *a-zàn-putar* *kury* *nehe*
 1SG-correr-PROX CHNG INT

A boa formação de (39a), por um lado, mediante a má formação de (39b), por outro, indica que a partícula *nehe* (da mesma classe de *ra'a* e outras PFS₂) deve vir antes da partícula *kury*, determinando o ordenamento: *a'e* > *nehe* > *kury*. Dessa maneira, PFS₁ > PFS₂ > PFS₃.

(40) PFS₃ *kury* > PFS₄ *no*

(40a) ✓ *u-hem* *kuzà* *kury* *no*
 3-chegar mulher CHNG MNT
 'De repente, a mulher chegou também.'

(40b) * *u-hem* *kuzà* *no* *kury*
 3-chegar mulher MNT CHNG

A comparação entre os exemplos (40a) e (40b) tem o intuito de demonstrar que o item *kury* deve vir antes da unidade gramatical *no* na ordem superficial das sentenças em que eles coocorrem. Por conseguinte, por transitividade, chega-se ao extrato hierárquico: PFS₁ > PFS₂ > PFS₃ > PFS₄.

(41) PFS₄ *no* > PFS₅ *ty*

(41a) ✓ *a-exak* *kuzà* *no* *ty*
1sg-ver mulher MNT GNDL

'Eu vi a mulher também.' (homem falando para outro homem)

(41b) * *a-exak* *kuzà* *ty* *no*
1sg-ver mulher GNDL MNT

Por fim, a gramaticalidade de (41a) em comparação com a agramaticalidade de (41b) certifica que *no* precede *ty*. Dessa forma, combinando os resultados parciais do teste de precedência visto até agora, chega-se à seguinte hierarquia: PFS₁ > PFS₂ > PFS₃ > PFS₄ > PFS₅.

Em (42), há respaldo para o ordenamento apresentado progressivamente por meio dos exemplos de (38) a (41), em que se evidencia um representante de cada grupo de partículas coocorrendo na mesma sentença.

(42) PFS₁ *a'e* > PFS₂ *nehe* > PFS₃ *kury* > PFS₄ *no* > PFS₅ *ma*

✓ *u-hem-putar* *Tukàn* *tàpuz* *ø-me* *a'e* *nehe* *kury* *no* *ma*
3-chegar-PROX Tukàn casa RLT-em 3 INT CHNG MNT GNDL

'O Tukàn vai chegar em casa agora também.' (fala feminina)

Na próxima seção, os dados linguísticos apresentados nos tópicos anteriores são interpretados, tendo como suporte os trabalhos de Cinque (1999, 2006, 2009, 2010, 2013, 2017), Kayne (1994), Koopman e Szabolcsi (2000) e Chomsky (2001).

DA DERIVAÇÃO DAS SENTENÇAS ENVOLVENDO PFS DA LÍNGUA TENETEHÁRA

Conforme foi mencionado na introdução deste artigo, nosso objetivo é analisar teoricamente as PFS em Tenetehára. Estas partículas são formadas por um conjunto de itens que ocorrem em uma posição sintática rígida em posição sentencial final, como já delineado. Tendo em vista a distribuição relativa dessas partículas, suas restrições sintáticas e suas implicações semântico-funcionais, a proposta deste artigo é de que as PFS entram na derivação na posição do núcleo funcional (X°) semanticamente correspondente na Hierarquia de Cinque (1999), conforme descrição do inventário dessas PFS. Portanto, estas partículas não são inseridas (*Merged*) em posição de Spec, como se fossem AdvPs. Além disso, tomando ainda como ponto inicial a 'explosão' das projecções sintáticas de IP/CP no espírito da Cartografia Sintática (Cinque, 1999; Kayne, 2005; Cinque; Rizzi, 2010), propomos que as PFS, em Tenetehára, realizam núcleos sintáticos no domínio de TP, que correspondem a posições rígidas e fixas na estrutura.

Propomos, assim, que a linearização das partículas à margem direita da sentença, nessa língua, seja o resultado do movimento de uma partícula mais baixa, *i.e.*, de uma das PFS_i instanciadoras de concordância, a um especificador da projecção que domina imediatamente a partícula mais alta na hierarquia, *i.e.*, PFS₂, PFS₃ etc. Um indício de que esta seja a derivação correta pode ser vislumbrado pelas seguintes propriedades morfossintáticas do Tenetehára: primeiramente,

o complexo verbal formado pelo V temático mais sufixos aglutinantes é ‘fechado’ pela negação verbal, conforme (43), curiosamente uma categoria funcional que, de acordo com Cinque (1999, cap. 5), não tem lugar fixo na hierarquia universal de projeções funcionais¹⁴. Em segundo lugar, a concordância aparece justamente como sendo a primeira partícula no início da nova fase, sendo o elemento que desencadeará a derivação – a ‘força motriz’, no espírito de Cinque (2009, 2013). Observe-se em (43) um dado em que a negação ‘fecha’ o V temático.

- (43) *n-u-mu-zahak-kwaw* *kuzà* *u-memyr* *a’e* *wà*
NEG-3-CAUS-banhar-NEG mulher CORR-filho 3 PL
‘A mulher não deu banho nos filhos.’

Em Cinque (1999), a concordância é referida como sendo, ao lado da Negação, a categoria funcional que não tem posição fixa na hierarquia de categorias funcionais da oração. Contudo, há aqui indícios interessantes para propor que, na língua Tenetehára, a negação marca a margem da fase baixa (vP) e a concordância o início da zona, na Hierarquia de Cinque (1999), correspondente à fase alta (CP). Isso é corroborado pelo fato de a negação e as PFS_is aparecerem imediatamente à direita do complexo verbal. Observe-se o seguinte exemplo em que ocorre o lexema verbal *ze’eg* ‘falar’ e a unidade gramatical de negação imperativa *zo*:

- (44) *e-ze’eg* *zo* *ta’e* *kwarer* *u-zeapyaka* *w-aiko* *wà* *xe*
2IMP-falar NEG porque menino 3-escutar 3-estar PL GNDL
‘Não fale agora, porque as crianças estão escutando.’ (homem falando)

Conforme foi mostrado nas seções anteriores, as PFS são linearizadas como ‘morfemas livres’ ao final da sentença, o que sugere uma derivação que envolve movimento sintagmático (não nuclear) da PFS mais baixa, *i.e.*, PFS_i. Tendo em vista os exemplos apresentados nas seções anteriores, o ‘lugar’ em que essas partículas entram na derivação é justamente acima da fase baixa, vP. Fechado o ciclo da fase de vP com a negação, se presente, um morfema de concordância passa a ser a ‘força motriz’ (no sentido de Cinque, 2009, 2017) do movimento sintático iniciado pelo lexema verbal que foi juntando às categorias funcionais da fase baixa (Tempo, Aspecto etc.). Esse expediente derivacional é ilustrado em (27) e (30b), reproduzidos a seguir como (45) e (46), respectivamente. A concordância (*Agr*), morfofonologicamente realizada por *ne* em (45) e por *a’e* em (46), desempenha um papel importante na derivação dessas ocorrências, marcando a fronteira ‘baixa’, *i.e.*, o TP (o início) da fase alta (CP), passando a ser a força motriz do movimento, conforme a seguir:

- (45) *màràn* *t-eko-haw* *ø-pe* *re-ata* *ne* *kury*
quantos 3G-estar-NOML RLT-em 2SG-andar 2SG CHNG
‘Em quantas aldeias você já esteve?’

¹⁴ Neste artigo, conjectura-se que a negação entre, na derivação, na borda da fase, *i.e.*, na borda de vP. Há razões para supor que essa fase corresponda a uma posição relativamente alta do *middle field*, *i.e.* TP (T_{Past} ou T_{Future}), uma vez que a negação verbal aparece imediatamente à direita de um sufixo verbal de tempo (passado/futuro). As PFS não podem se aglutinar ao lexema verbal como as partículas de tempo, por exemplo – por hipótese, as categorias da fase baixa em Tenetehára.

- (46) *na'e w-ixe o-ho wywykwar ø-pupe a'e wà no*
 então 3-entrar 3-ir buraco RLT-dentro 3 PL MNT
 'Então (as primeiras caças) entraram no buraco também.'

Tendo em vista a descrição das PFS feita até o momento, cabe agora propor, no espírito de Cinque (2009, 2013, 2017) – e revisitado aqui com elementos de Kayne (1994, seção 5) e Koopman e Szabolcsi (2000) – uma derivação para as ocorrências do Tenetehára (envolvendo PFS).

Aventa-se aqui a hipótese de que as PFS sejam inseridas em posição nuclear na derivação, nucleando, portanto, as projeções semanticamente correspondentes na Hierarquia de Cinque (1999). Por exemplo, a PFS de modalidade epistêmica *ra'a* (que indica dúvida), aqui classificada como PFS₂, seria inserida no núcleo da modalidade epistêmica de Cinque (1999), projeção que domina imediatamente a projeção de T_{Past}. Abaixo, é retomado o exemplo (12), representado como (47), em que essa partícula aparece justamente à direita do morfema de concordância *a'e*, uma categoria *Agr*.

- (47) *o-ho-putar Hikar Amarante ø-pe a'e ra'a*
 3-ir-PROX Hikar Amarante RLT-para 3 DBT
 'Não se sabe se o Hikar vai para Amarante.'

Para derivar (47), o VP, nucleado pelo lexema verbal *ho* 'ir', move-se ao especificador acima da projeção máxima responsável pelo aspecto proximativo *putar*, fazendo o *pied-piping* – no modo *pictures-of-whom* de *pied-piping* (Cinque, 2005, 2009) – do morfema {*o-*}, que nucleia a projeção do argumento externo. Assim, a projeção AgentP (mnemônica para projeção do agente) é carregada junto com o VP para um especificador acima da projeção do aspecto proximativo, tão logo *putar* entra na derivação, nucleando o AspProximative da Hierarquia de Cinque (1999). Não tendo categorias mais altas de TP, a fase baixa se fecha com o *Merge* de *putar*. Esses passos da derivação são apresentados na Figura 1, a seguir¹⁵.

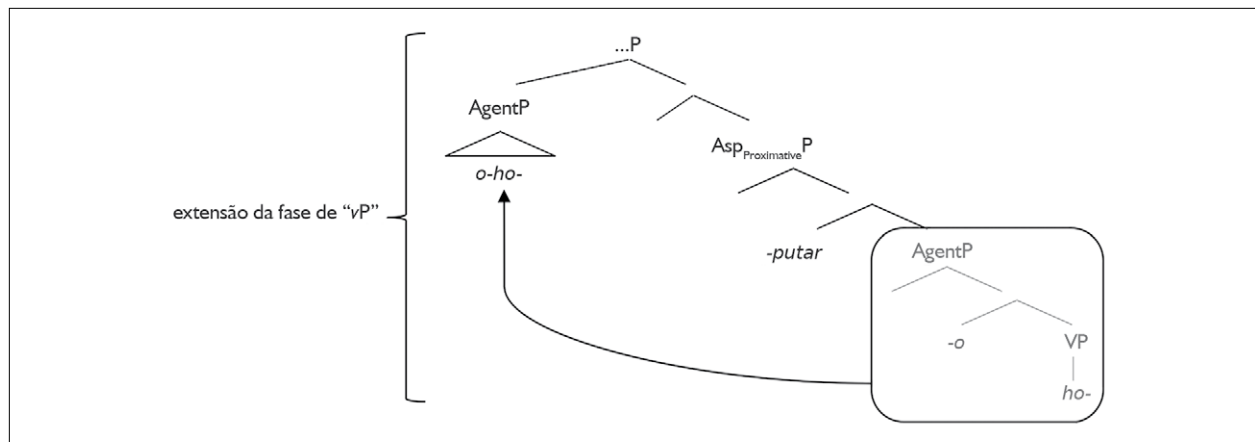


Figura 1. Da derivação de (47): fase baixa.

¹⁵ A derivação das ocorrências da língua Tenetehára combina elementos de Kayne (1994, seção 5), Cinque (1999, cap. 3), Koopman e Szabolcsi (2000) com a proposta de derivação por fases de Chomsky (2001).

Fechado o ciclo da fase baixa, a derivação continua, desta vez com o *Merge* do morfema de concordância de 3ª pessoa *a'e*, inserido logo acima, na borda do vP. Será *a'e*, agora, a força motriz do movimento que carregará as PFS a posições mais altas¹⁶. Uma vez que esse morfema passa a ser a força motriz, tão logo entre na derivação, ele assume a tarefa de desencadear o movimento de seu complemento – o remanescente – para o especificador de um núcleo inserido acima. Tal expediente é similar ao procedimento de '*pushing up*', de Koopman e Szabolcsi (2000), detalhado na Figura 2. Isolada, então, a concordância, ela pode agora se mover a um especificador acima de cada PFS (se presente na numeração), a exemplo do lexema verbal (cuja derivação foi representada na Figura 1). Uma vez que há, em (47), duas PFS, sendo uma delas a concordância (PFS₁), dessa vez a força motriz do movimento no domínio da fase de CP é a PFS₁, *a'e* (Figura 2), que desencadeará o movimento ao especificador acima da projeção nucleada pela PFS epistêmica *ra'a* (Figura 3).

Na sequência, o complemento de *ra'a*, i.e., *o-ho-putar*, move-se a um especificador acima, derivando, portanto, *o-ho-putar... a'e ra'a*.

Derivada a ocorrência (47), faz-se necessário explicitar como o mecanismo derivacional aqui proposto dá conta de casos complexos, como os descritos na seção que aborda as restrições de ordenamento das PFS em que há a coocorrência de, por exemplo, cinco PFS, cada uma pertencente a um dos subgrupos de PFS descritos na seção de apresentação de dados. Veja-se, então, a sentença (42), repetida a seguir como (48).

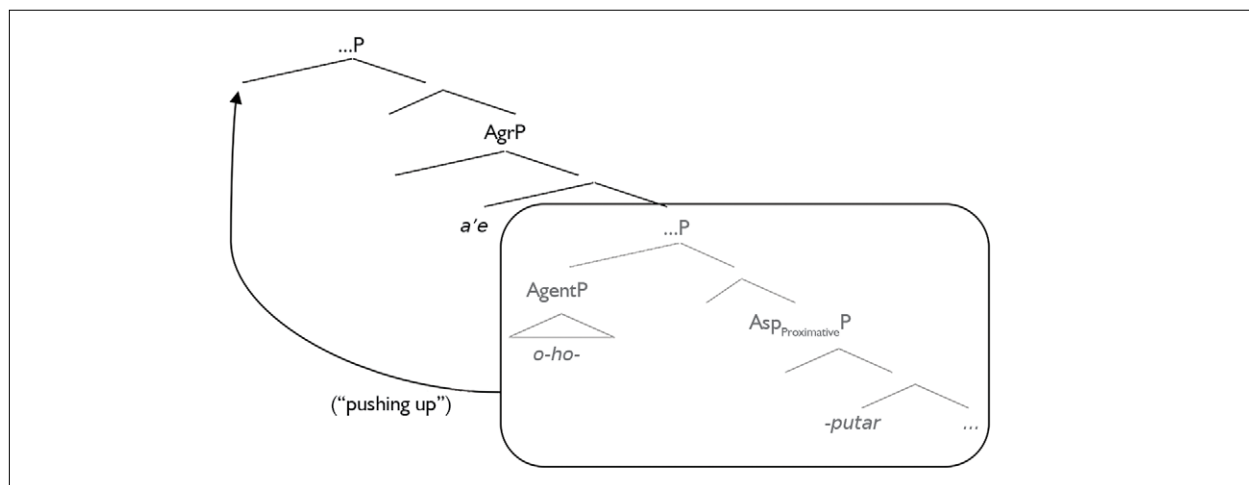


Figura 2. Da derivação de (47): *Merge* da partícula de concordância *a'e*.

¹⁶ Cinque (1999, p. 187) apresenta o dado em (i), do coreano, que pode iluminar a discussão geral abordada aqui. O coreano é uma língua aglutinante. Há, nesta língua, não obstante seu comportamento aglutinante, sufixos 'livres' que, uma vez inseridos, não toleram afixação ulterior, como o sufixo {-mos} (um núcleo modal 'negativo') que, em (i), bloqueia a adjunção de *ka*, o lexema verbal. Ora, diante dos dados apresentados para o Tenetehára, não é difícil concluir que a razão para {-mos} não tolerar afixação ulterior possa ser interpretada à luz da Abordagem por Fases. Assim, {-mos}, como os morfemas negativos do Tenetehára, 'fecharia' a fase baixa, impedindo que o lexema verbal se juntasse a núcleos superiores. O coreano opta, então, pelo *Merge* de um auxiliar, *ha* ('fazer'), que passará a ser a força motriz do movimento já na fase de CP, adjungindo-se aos sufixos de passado e de modalidade declarativa {-ess-} e {-ta}, respectivamente.

(i) *Chelswu-nun keki ka-ci mos ha-ess-ta*
Chelswu-TOP lá ir-ci poder.NEG fazer-PST-DECL
'Chelswu não poderia ir lá.'

Diferentemente do coreano, o Tenetehára não recorre a 'auxiliares', uma vez fechada a fase baixa. Morfemas de concordância passam a desenvolver o papel de força motriz do movimento, 'carregando' as PFS que entrarão ulteriormente na derivação.

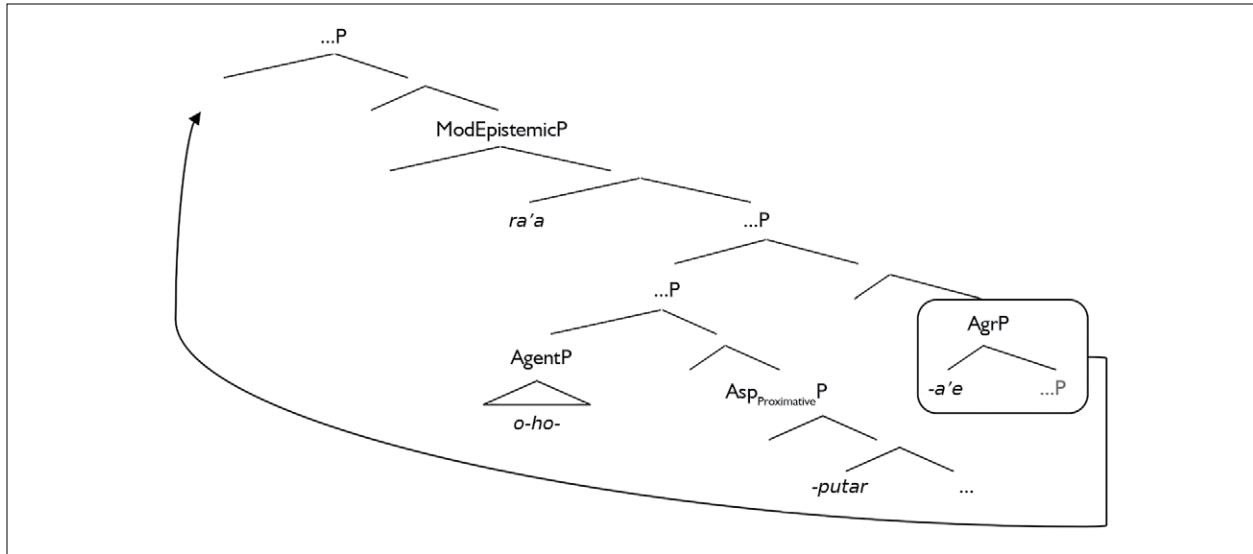


Figura 3. Da derivação de (47): *Merge* do morfema epistêmico *ra'a*.

(48) PFS₁ *a'e* > PFS₂ *nehe* > PFS₃ *kury* > PFS₄ *no* > PFS₅ *ma*

u-hem-putar Tukàn tàpuz ø-me a'e nehe kury no ma
 3-chegar-PROX Tukàn casa RLT-em 3 INT CHNG MNT GNDL
 'O Tukàn vai chegar em casa agora também.' (fala feminina)

A derivação da sentença acima envolve primeiramente o *Merge* do VP *hem* 'chegar', seguido pelo *Merge* do afixo {*u-*}, de terceira pessoa, que é carregado junto com o VP – no modo *pictures-of-whom* de *pied-piping* (i.e., sem inversão de ordem) – a um especificador acima da projeção nucleada pela partícula de aspecto proximativo *putar* (Figura 4).

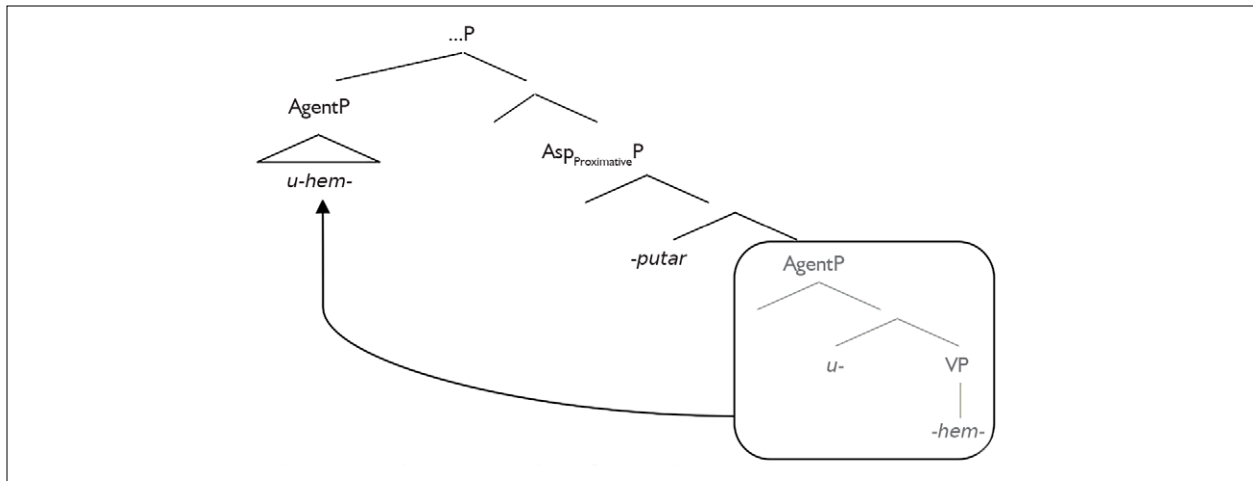


Figura 4. Da derivação de (48): fase baixa.

À parte detalhes irrelevantes concernentes ao *Merge* dos sintagmas *Tukàn* e *tàpuz*, está ‘fechado’, então, o ciclo da fase baixa, vP. A derivação continua agora com o *Merge* das PFS, iniciando-se com o *Merge* da partícula mais baixa (PFS₁), *a’e*, que nucleia uma projeção de concordância, inserida na borda da fase baixa. Segue-se o movimento do remanescente (o complemento de *a’e*), i.e., *u-hem-putar*, que tem o efeito de isolar *a’e*, que se moverá não nuclearmente, mas como sintagma, com estatuto de forma livre, portanto. Na sequência, tem-se o *Merge* da PFS₂, *nehe*, que desencadeia o *Merge* de novo núcleo acima, e o movimento ulterior da projeção de concordância nucleada pela PFS₁ *a’e* (Figura 5). Novamente, o complemento da PFS é movido como remanescente para o especificador da projeção dominante (Figura 6).

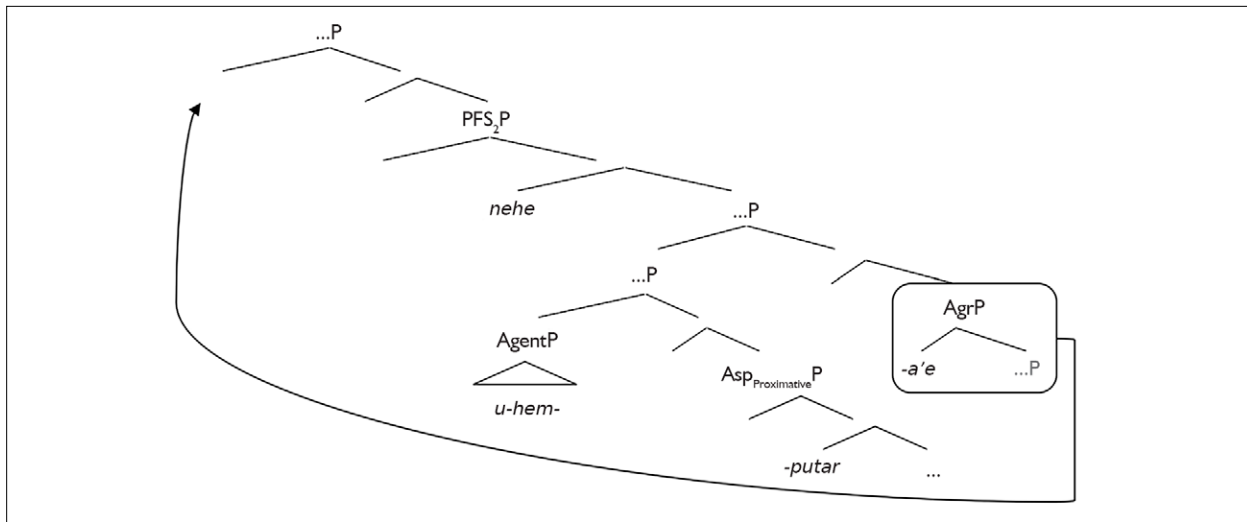


Figura 5. Da derivação de (48): *Merge* da PFS₂ *nehe*.

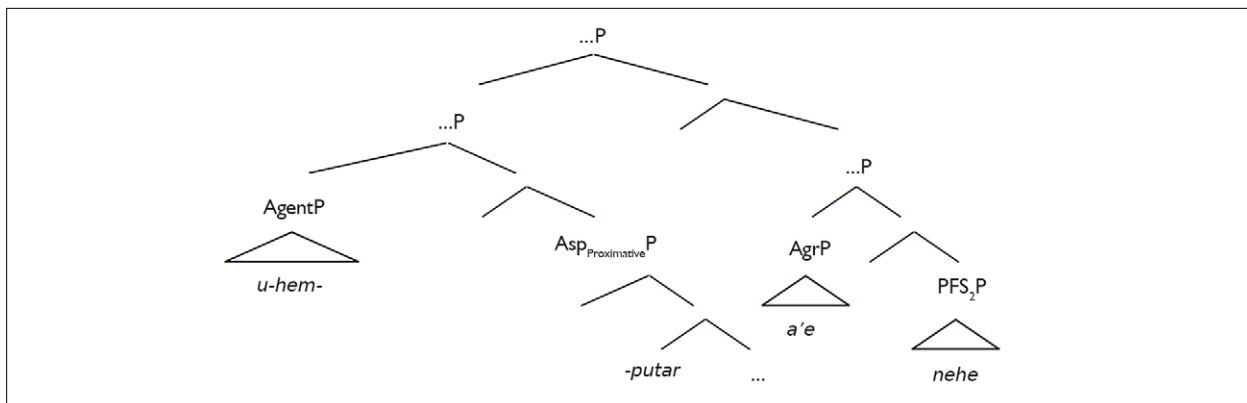


Figura 6. Da derivação de (48): *pushing up* do remanescente *u-hem-putar*.

O passo seguinte é o *Merge* da PFS₃ *kury* no núcleo imediatamente acima. A inserção de *kury* desencadeia, à semelhança do *Merge* da PFS₂ *nehe*, o movimento da força motriz (encabeçada agora pelo complexo *a’e nehe*), conforme a Figura 7, ao qual segue, como esperado, o movimento do remanescente *u-hem-putar* (Figura 8).

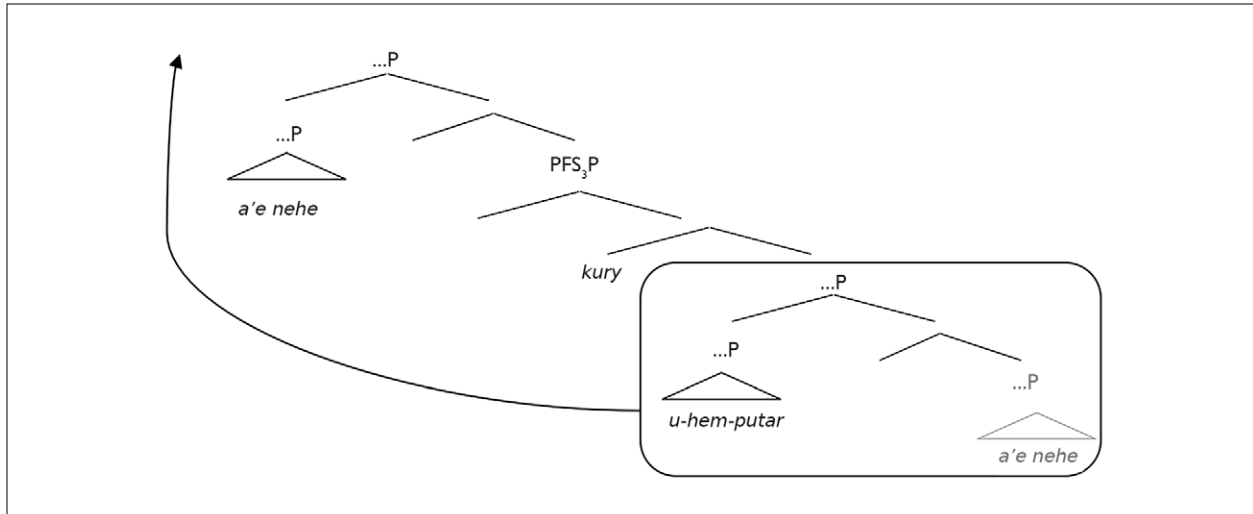


Figura 7. Da derivação de (48): *Merge* de *kury* e movimentos associados (I).

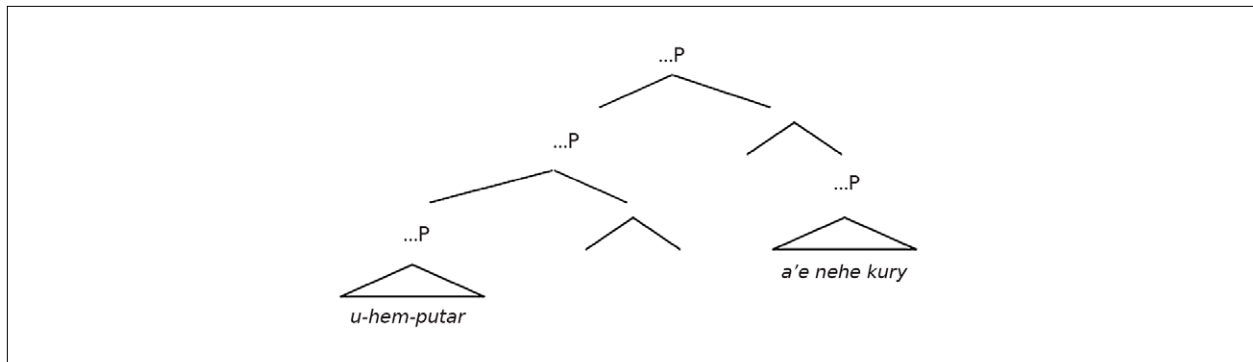


Figura 8. Da derivação de (48): *Merge* de *kury* e movimentos associados (II).

Segue-se o *Merge* da PFS_4 *no*, que desencadeia o movimento do complexo de partículas [$_{PFS1}$ *a'e* [$_{PFS2}$ *nehe* [$_{PFS3}$ *kury*]]] a um núcleo acima (Figura 9), seguido pela subida do remanescente *u-hem-putar* (Figura 10).

A próxima e última partícula a entrar na derivação é a PFS_5 *ma*, de gênero feminino, que, à semelhança das outras PFS, desencadeia o movimento do complexo formado pelas partículas anteriormente inseridas, a saber: *a'e nehe kury no*. Tais PFS, conforme foi visto, ocupam posições rígidas, linearizando-se ao fim da sentença em uma ordem que corresponde à imagem especular dessas categorias na Hierarquia de Cinque (1999). Na sequência, o complexo formado pelo lexema verbal e sufixos aglutinativos é movido como remanescente (Figura 11), derivando, portanto, (48).

A riqueza dos dados da língua Tenetehára, interpretada, agora, à luz desses dois ingredientes teórico-conceituais principais (Cartografia de Cinque e Abordagem Derivacional por Fases), permite uma compreensão abrangente do complexo sistema gramatical ('misto') da projeção estendida do verbo ou da oração em Tenetehára.

O mecanismo derivacional proposto aqui guardaria alguma semelhança com o sistema de Duarte (2012) sobre a língua Tenetehára. Este autor, ao examinar principalmente as partículas de segunda posição e as orações

encaixadas, propõe que essa língua exibe um movimento de predicado (possivelmente νP) para a posição de especificador de TP^{17} .

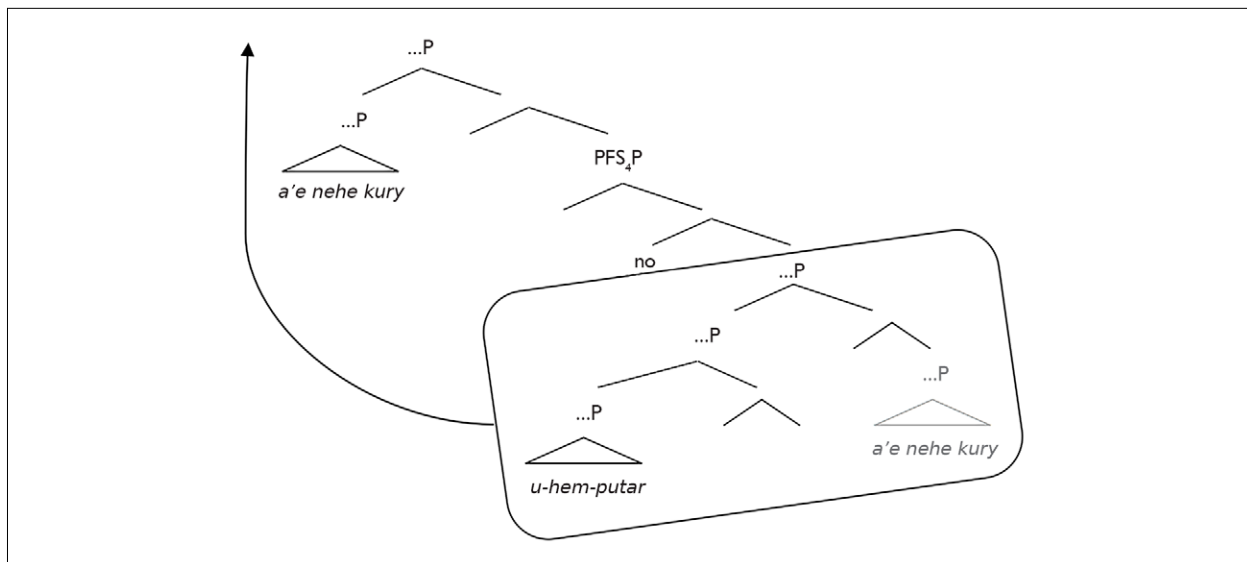


Figura 9. Da derivação de (48): Merge de *no* e movimentos associados (I).

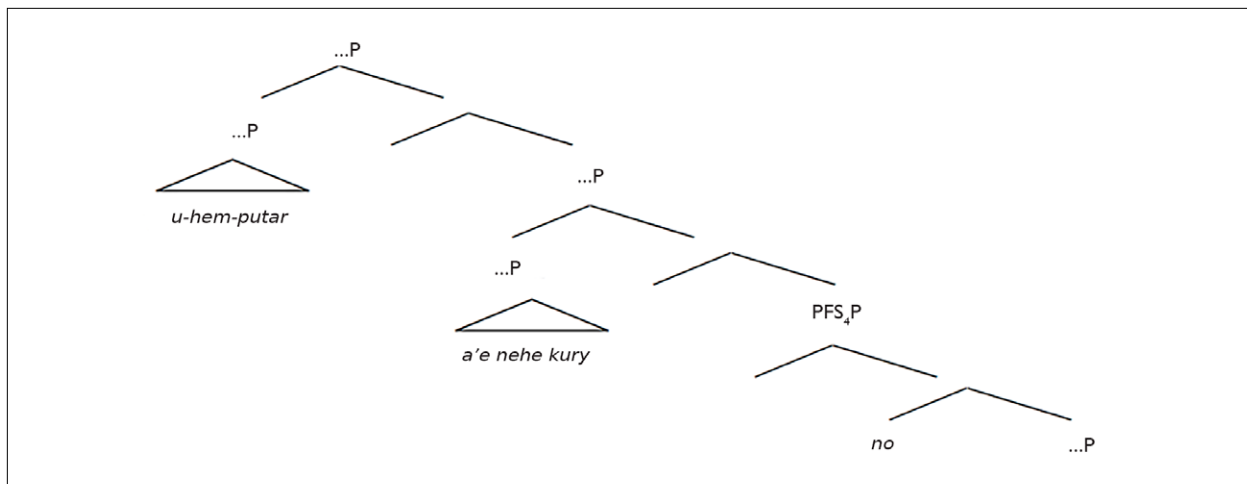


Figura 10. Da derivação de (48): Merge de *no* e movimentos associados (II).

¹⁷ Há ainda, para outras línguas Tupí-Guaraní, investigações formais sobre a periferia esquerda da sentença, como pode ser visto em Thomas (2018), para a língua Mbyá, e também em Seki e Nevins (2018), para a língua Kamaiurá. No primeiro trabalho, o autor investiga diferentes tipos de atos de fala encaixados na língua Mbyá, que ele denomina como imperativos encaixados. O autor examina as estruturas imperativas encaixadas como instâncias recursivas do núcleo funcional ForceP, que denota um tipo de semântica conhecido como Ato de Fala Potencial. No segundo, os autores assumem que as partículas de tipo complementizador em Kamaiurá devem ser analisadas em termos de projeções funcionais distintas, e não simplesmente como recursividade de CP. Assim, eles adotam uma proposta cartográfica para a periferia esquerda da sentença, com a qual é possível capturar as distribuições dessas partículas com os tipos de complementos com as quais coocorrem.

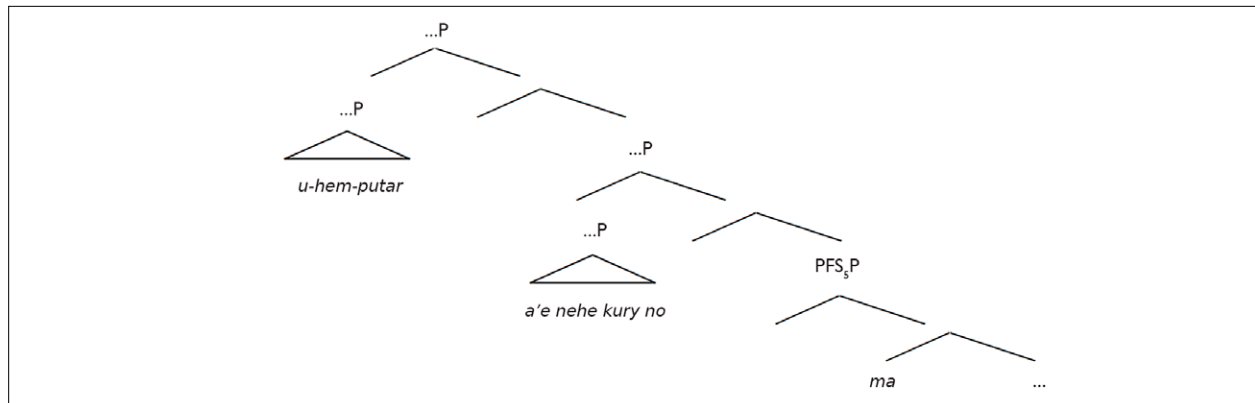


Figura 11. Da derivação de (48): *Merge* de **ma** e movimentos associados.

A discussão aqui apresentada tem o mérito de integrar harmoniosamente duas propostas teóricas recentes da Teoria de Princípios e Parâmetros: a Hierarquia de Cinque (1999) e a Abordagem de Derivação por Fases (Chomsky, 2001). Análises alternativas que consideram as PFS, em Tenetehára, como adjunções de advérbios à direita seriam insustentáveis por duas razões empíricas: (i) advérbios não são linearizados à direita nas sentenças do Tenetehára e (ii) as partículas da classe das PFS estão em distribuição complementar com outras partículas da mesma classe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso neste artigo se iniciou com uma descrição pormenorizada do inventário de PFS do Tenetehára (tanto na “Introdução” como na seção de descrição dos dados). Na seção que tratou das restrições de ordenamento das PFS, foi mostrado que elas se ordenam rigidamente, respeitando a hierarquia universal de Cinque (1999).

Os dados do Tenetehára, interpretados à luz da Abordagem de Derivação por Fases (Chomsky, 2001), combinada com ingredientes cartográfico-cinqueanos acerca da estrutura da oração e sua derivação, permitem-nos sugerir que, na verdade, *Neg* e *Agr* não teriam uma posição ‘livre’ na hierarquia das categorias gramaticais da oração, conforme conjecturado por Cinque (1999). Antes, essas categorias entram na derivação justamente ao final e início de uma fase¹⁸. Assim, *Neg*, se presente na derivação, marca a margem da fase baixa (νP), que, em Tenetehára, é bem alta (correspondendo a T_{Past}). *Agr*, aqui representado pelas PFS_1 , entra na derivação justamente quando o ciclo da fase baixa é enviado para as interfaces, ou seja, em posições do *middle field* (i.e. TP/IP) que já contam no cálculo da fase alta, CP.

O mergulho aqui feito nos dados da projeção estendida do verbo ou da oração, em Tenetehára, sobretudo nos dados sobre as PFS, permitiu unificar harmoniosamente duas grandes correntes da Teoria de Princípios e Parâmetros, a saber: a Derivação por Fases (Chomsky, 2001) e a Hierarquia Universal Cartográfica (Cinque, 1999). Isso sugere, à semelhança do que já tem sido proposto por vários autores (Cinque; Rizzi, 2010 e referências lá citadas), a compatibilidade desses dois programas de investigação (Cartografia e Minimalismo).

Adicionalmente, será necessário, em investigação ulterior, determinar a posição relativa das PFS_2 entre si, uma vez que, sob esse mesmo rótulo, são propostas neste artigo categorias que, a julgar pela Hierarquia de Cinque (1999),

¹⁸ Pelo menos em Tenetehára. Ver também nota 16, com nossa interpretação sobre os dados do coreano, apresentados em Cinque (1999).

espera-se, possam coocorrer. Se tal coocorrência for rejeitada por falantes de Tenetehára, abre-se caminho a uma investigação semântica que seja capaz de explicar por que determinadas ocorrências, legitimadas pela morfossintaxe, são rejeitadas por falantes dessa língua.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi apresentado, pelo primeiro e segundo autores, inicialmente no “Encontro de Partículas”, na Universidade de Brasília (UnB), em Brasília (dezembro de 2013), realizado pelo Núcleo de Tipologia Linguística (NTL/UnB). Agradecemos aos comentários das vozes que se pronunciaram. Em uma nova versão, com algumas alterações, a pesquisa foi também apresentada no “Encontro sobre sintaxe cartográfica: teoria e experimentação” (1º SINCAR), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro (agosto de 2018), pelos dois primeiros autores. Na ocasião, o terceiro autor fez vários comentários à versão apresentada. O debate muito entusiasmado do evento do Rio de Janeiro rendeu o presente artigo, com importantes contribuições do terceiro autor, que se uniu ao grupo. Parte desta investigação foi desenvolvida durante os trabalhos de campo realizados nas Terras Indígenas Caru e Arariboia, localizadas no estado do Maranhão, entre os anos de 2010 e 2018. Gostaríamos de agradecer o importante apoio do povo indígena Guajajara, que tem nos ajudado no levantamento dos dados linguísticos que compõem esta pesquisa. Agradecemos ainda à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), cujas pesquisas desenvolvidas por Aquiles Tescari Neto (Processo 2016/20853-6) e Ricardo Campos Castro – processos 2017/09615-9 (Brasil) e 2018/06203-4 (EUA) – iluminaram questões teóricas aqui desenvolvidas. Por fim, agradecemos também ao Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia da Universidade Federal de Rondônia (GPEA/UNIR), pelo suporte e apoio às pesquisas desenvolvidas pelo primeiro autor deste artigo.

ABREVIATURAS

1	primeira pessoa	DSLC	afixo verbal que indica	NAT	partícula evidencial
2	segunda pessoa		o deslocamento de um		que indica uma
3	terceira pessoa		argumento nuclear		situação não atestada
AT	partícula evidencial	ENF	marcador de ênfase		pelo falante
	que indica uma situação	EXCL	exclusivo	NEG	negação
	atestada pelo falante	FOC	foco	NOML	nominalizador
CAUS	causativo	FUT	futuro	PL	plural
CERT	modalidade epistêmica	G	genérico	PROX	aspecto proximativo
	de certeza	GNDL	partícula de gênero	PSB	modalidade eventiva
CHNG	partícula que indica uma		(<i>genderlect</i>)		de possibilidade e
	mudança de estado ou	IMP	imperativo		permissão
	asserção	INCL	inclusivo	PST	passado
CORR	correferencial com	INT	modalidade eventiva	REP	aspecto repetitivo
	o sujeito		de intenção	RLT	prefixo relacional
DBT	modalidade epistêmica	INTS	aspecto intensivo	RPST	passado recente
	de dúvida	MNT	partícula que indica	SG	singular
DECL	declarativo		manutenção de	TOP	tópico
DPST	passado distante		estado ou asserção		

REFERÊNCIAS

- BAKER, Mark. The mirror principle and morphosyntactic explanation. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 16, n. 3, p. 373-415, Summer 1985.
- BÉJAR, Susana; REZAC, Milan. Cycle agree. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 40, n. 1, p. 35-73, Winter 2009. DOI: <https://doi.org/10.1162/ling.2009.40.1.35>.
- BOUDIN, Max Henry. **Dicionário de Tupi Moderno**: dialeto tembé-tênêthara do alto rio Gurupi. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1966.
- CALDAS, Raimunda Benedita. **Aspecto, modo de ação e modalidade na língua Ka'apor**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.
- CAMARGOS, Quesler Fagundes. **Aplicativização, causativização e nominalização**: uma análise unificada de estruturas argumentais em Tenetehára-Guajajara (família Tupi-Guaraní). 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017a.
- CAMARGOS, Quesler Fagundes. Exploring agreement displacement from the internal to the external argument in the Tenetehára Language (Tupí-Guaraní Family). *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 325-342, out. 2017b. Número especial.
- CASTRO, Ricardo Campos. **Morfossintaxe Tenetehára (Tupí-Guaraní)**. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael (ed.). **Ken Hale: a life in language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 1-52.
- CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The cartography of syntactic structures. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (org.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. New York: Oxford University Press, 2010. p. 51-65.
- CINQUE, Guglielmo. On the status of functional categories (heads and phrases). *Language and Linguistics*, Amsterdam, v. 18, n. 4, p. 521-576, Oct. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1075/lali.18.4.01cin>.
- CINQUE, Guglielmo. Again on tense, aspect, mood morpheme order and the 'mirror principle'. In: SVENONIUS, Peter (ed.). **Functional structure from top to toe**: the cartography of syntactic structures. New York: Oxford University Press, 2014. v. 9, cap. 8.
- CINQUE, Guglielmo. Cognition, universal grammar, and typological generalizations. *Lingua*, Amsterdam, v. 130, p. 50-65, June 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2012.10.007>.
- CINQUE, Guglielmo. **The syntax of adjectives**: a comparative study. Cambridge: The MIT Press, 2010. (Linguistic Inquiry Monograph Fifty-Seven).
- CINQUE, Guglielmo. The fundamental left-right asymmetry of natural languages. In: SCALISE, Sergio; MAGNI, Elisabetta; BISETTO, Antonietta (org.). **Universals of language today**. Dordrecht: Springer, 2009. p. 165-184.
- CINQUE, Guglielmo. **Restructuring and functional heads**: the cartography of syntactic structures. New York: Oxford University Press, 2006. v. 4. (Oxford Studies in Comparative Syntax).
- CINQUE, Guglielmo. Deriving Greenberg's universal 20 and its exceptions. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 36, n. 3, p. 315-332, Summer 2005. DOI: <https://doi.org/10.1162/0024389054396917>.
- CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and functional heads**: a cross-linguistic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1999. (Oxford Studies in Comparative Syntax).
- COSTA, Sueli. Entre o deôntico e o epistêmico: o caráter camaleônico do verbo modal 'poder'. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, [S. l.], ano 5, n. 11, p. 1-22, sem. 2009.
- CRUZ, Aline da. **Fonologia e gramática do Nheengatú**: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Vrije Universiteit, Amsterdam, 2011.

DUARTE, Fábio Bonfim; CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos; SILVA, Cíntia Maria Santana; GUAJAJARA, Marina da Silva. **Coletânea de narrativas Guajajára**. Belo Horizonte: FALE: UFMG, 2018. v. 1.

DUARTE, Fábio Bonfim. Tenetehára: a predicate-fronting language. *The Canadian Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 57, n. 3, p. 359-386, Nov. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1353/cjl.2012.0042>.

DUARTE, Fábio Bonfim. Fonte de valoração do Caso ergativo e do Caso absoluto em línguas indígenas brasileiras. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 111-135, bianual 2009.

DUARTE, Fábio Bonfim. **Estudos de morfossintaxe Tenetehára**. Belo Horizonte: FALE: UFMG, 2007.

FREITAS, Maria Luisa; SÂNDALO, Filomena. Uma hipótese morfofonológica para hierarquia de pessoa. In: MAGALHÃES, José Sueli de (org.). **Fonologia**. Uberlândia: EDUFU, 2014. p. 37-50. (Linguística in Focus, n. 10).

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. v. 1.

HAAN, Ferdinand de. Evidentiality and epistemic modality: setting soundaries. *Southwest Journal of Linguistics*, El Paso, v. 18, p. 83-101, 1999.

HALLE, Morris. Distributed morphology: impoverishment and fission. In: BRUENING, Benjamin; KANG, Yoonjung; MAGINNIS, Martha (ed.). **PF: papers at the interface**. Cambridge: MITWPL, 1997. p. 425-449. (MIT working papers in linguistics, v. 30).

HARRISON, Carl; HARRISON, Carole. **Dicionário Guajajara-Português**. Anápolis: Associação Internacional de Linguística, 2013.

HENGVELD, Kees; DALL'AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. *Linguistics*, Berlin, v. 53, n. 3, p. 479-524, May 2015. DOI: <https://doi.org/10.1515/ling-2015-0010>.

KAYNE, Richard S. **Movement and silence**. New York: Oxford University Press, 2005. (Oxford Studies in Comparative Syntax).

KAYNE, Richard S. **The antisymmetry of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1994. (Linguistic Inquiry Monography Fifty-Seven).

KOOPMAN, Hilda; SZABOLCSI, Anna. **Verbal complexes**. Cambridge: The MIT Press, 2000. (Current Studies in Linguistics Series, n. 34).

LOPES, Mário Alexandre Garcia. **Aspectos gramaticais da língua Ka'apor**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MAGALHÃES, Marina Maria Silva. **Sobre a morfologia e a sintaxe na língua Guajá (família Tupí-Guaraní)**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. Línguas indígenas no Brasil contemporâneo. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). **Índios no Brasil**. Brasília: MEC, 1994. p. 93-104.

PALMER, Frank R. **Mood and modality**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PAYNE, Doris. The Tupí-Guaraní inverse. In: FOX, Barbara; HOPPER, Paul J. (ed.). **Voice: form and function**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1994. p. 313-340.

PEREIRA, Antônia Alves. **Estudo morfossintático do Asurini do Xingu**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

PRAÇA, Walkíria Neiva. **Morfossintaxe da língua Tapirapé (família Tupí-Guaraní)**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Anna. **Syntactic change: a minimalist approach to grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. (Cambridge Studies in Linguistics, 100).

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. Revendo a classificação da família Tupí-Guaraní. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (org.). **Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história: atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL**. Belém: Editora da UFPA, 2002. p. 327-337.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. **Revista de Antropologia**, Brasília, v. 27-28, p. 33-53, sem. 1984-1985.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Morfologia do verbo Tupi. **Letras**, Santa Maria, v. 1, p. 121-152, sem. 1953.

ROSE, Françoise. On male and female speech and more: categorical gender indexicality in indigenous South American languages. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, v. 81, n. 4, p. 495-537, Oct. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1086/683158>.

ROSE, Françoise. Los generoelectos del mojeño. **Revista LIAMES**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 115-134, nov. 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/liames.v0i13.1534>.

SEKI, Lucy; NEVINS, Andrew. Strategies of embedding and the complementizer layer in Kamaiurá. In: MEDEIROS, Alexandre Boechat de; NEVINS, Andrew Ira (org.). **O apelo das árvores**: estudos em homenagem a Miriam Lemle. Campinas: Pontes, 2018. p. 417-444.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá**: língua do Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas: UNICAMP, 2000.

SILVA, Tabita Fernandes da. **História da língua Tenetehára**: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família Tupí-Guaraní do tronco Tupí. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SOLANO, Eliete de Jesus Bararuá. **Descrição gramatical da língua Araweté**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

TANNEN, Deborah. **You just don't understand**: women and men in conversation. New York: Morrow, 1990.

TAYLOR, John R. **Linguistic categorization**: prototypes in Linguistic Theory. Oxford: Clarendon Press, 1989.

THOMAS, Guillaume. Embedded imperatives in Mbyá. In: AMARAL, Luiz; MAIA, Marcus; NEVINS, Andrew I.; ROEPER, Tom (ed.). **Recursion across Domains**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 86-109.

